

OS ARGUMENTOS

SEMANARIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

DIREITO ADMINISTRATIVO

A votação dos adicionais às contribuições directas

Lemos no noticiário da provincia que em determinada Câmara do Minho, votou o Conselho Municipal, há dias, as percentagens adicionais às contribuições directas do Estado.

Acrescentava a notícia que todas as percentagens, feita excepção de uma taxa, eram as mesmas do ano anterior.

Ora não sabemos como poderá ser efectiva a deliberação do Conselho, quanto á alteração; as percentagens recolhidas devem ter sido comunicadas á Direcção de Finanças antes do dia 30 de Setembro.

Assim a votação de agora só pode surtir efeitos em 1941, se antes do dia 30 de Setembro futuro outra cousa não resolver o Conselho Municipal.

Quanto ás outras, a Direcção de Finanças, automaticamente applicou o coe-ficiente do ano anterior.

Não sabemos, evidentemente, como se procede na Câmara a que aludimos, mas em vista da notícia de agora, foram cometidos alguns ou algum erro.

Pode ser que comunicassem antes de 30 de Setembro as percentagens agora votadas, por simples deliberação da Câmara. Nesse caso foi erro porque só ao Conselho pertence fixar as percentagens.

Pode ser que não tenha sido feita a comunicação. Nesse caso foi erro porque não é agora, em Novembro, tempo hábil para alterá-las.

No primeiro caso seria, além da ilegalidade, um acto extremamente perigoso, embora se confiasse na magnanimidade do Conselho. Bastava que este recusasse 1 por cento em algumas das percentagens, para se criar uma série de conflitos legais susceptíveis de produzir as maiores complicações.

No segundo caso é extemporânea a fixação e ilegal a alteração proposta.

Creemos que o que fica dito basta para pôr de sobreaviso as Câmaras e os seus funcionários responsáveis, a fim de não cometerem de futuro erros semelhantes.

Bem sabemos que o texto do Código os conduziu em erro, mas sabemos também que a irreductibilidade dos seus preceitos com outros que preceituam a comunicação referida foi logo vista na Câmara de Braga que imediatamente chamou a atenção das instâncias superiores que lhes deram razão e oportunas indicações.

Isso tem sido recordado nas reuniões do Conselho Municipal de Braga nas sessões extraordinárias do mês de Agosto ou Setembro.

Eis como aqui se faz e é o que em toda a parte se deve fazer.

(Continua na 3.ª página)

Os objectivos britânicos

Precisamente cinco semanas após a invasão da Polónia pelas tropas alemãs e a declaração de guerra à Alemanha por parte da Inglaterra e da França, em cumprimento dos compromissos que haviam assumido, o sr. Hitler apresentou as suas condições de paz, não em nota aos seus adversários, mas num discurso ao seu povo. Os argumentos invocados por ele foram, dum modo geral, os seguintes: a Polónia tinha sido rapidamente esmagada, derrotada e desmembrada; a Gran-Bretanha e a França haviam cumprido à letra os seus compromissos mas tinham sido incapazes de salvar a aliada; não havia portanto razão para lutarem pela Polónia, visto que a Polónia deixou de existir. O governo alemão — continua o argumento — não tinha reclamações materiais a fazer aos povos britânico e francês; não havia motivos concretos de desavença entre eles. É verdade que o Reich precisava de colónias ultramarinas além dos territórios dos checos, polacos e austriacos, mas esta «exigência», assegura-se, não precisa de levar á guerra. Faça-se uma conferência da paz e ponha-se termo a sacrificios inúteis.

A resposta do sr. Chamberlain

O primeiro ministro inglês, sr. Novelle Chamberlain, respondeu a estes argumentos em nome do povo britânico. Herr Hitler, disse ele, apresentou propostas de paz que se baseavam «no reconhecimento das suas conquistas e no direito de fazer dos vencidos o que lhe apetecesse». Por outras palavras, pediu licença para conservar os frutos da vitória sem ter sequer de fazer a guerra. A esta engenhosa suposição respondeu assim o sr. Chamberlain:

«Será impossível à Gran-Bretanha aceitar semelhante base sem perder a honra e sem abandonar a sua pretensão de que as divergências de-

vem resolver-se pela discussão e não pela força.»

A Polónia pode ter sido aniquilada, mas o espírito da Polónia não morreu. O povo britânico não poderá reconhecer qualquer solução pacífica que não respeite os direitos dos polacos e checos e doutras nações europeias anexadas pela Alemanha nacional socialista.

Mas a nação britânica não entrou na guerra apenas a favor da Polónia, nem porque se assustou perante o perigo que corriam os seus haveres materiais, nem porque a isso a obrigava a letra dos tratados. Lutava, segundo as palavras do seu rei, para repelir a tirania do medo sob que a Europa vive há seis meses. Fomos para a guerra não com quaisquer propósitos vingativos ou por quaisquer ciúmes do povo alemão, mas em defesa de tudo aquilo que para nós representa a liberdade. O primeiro ministro francês, sr. Daladier, pôs a questão em termos claros e falou pelos aliados quando disse:

«Pegamos em armas contra a agressão; não as deporemos enquanto não tivermos garantias certas de segurança, segurança que não possa discutir-se de seis em seis meses. Como poderá existir tal segurança, quer para nós quer para o mundo, enquanto fôr possível apagar violentamente uma nação da carta da Europa?»

Queremos segurança

Todo o inglês que se lembra da série de golpes pelos quais o governo nacional-socialista da Alemanha transformou a carta da Europa — a anexação da Austria, a absorção parcelar da Checoslováquia, a campanha-relâmpago da Polónia — compreende o que M. Daladier entendia por necessidade de segurança na Europa. Suspender agora a luta, dar ao governo alemão tempo de consolidar as suas con-

(Continua na 4.ª página)

A' MARGEM

QUEREMOS HOJE, fazer alguns breves comentários sobre a Igreja de S. Domingos. Edifício soberbo e bem digno de melhor sorte. Domo-lido em parte com a finalidade de se fazer o seu restauro, assim tem estado durante meses seguidos á acção destruidora dos temporais. E isso não pode continuar assim, sem solução.



NEM SABEMOS ATÉ qual a razão porque ainda não foi considerado monumento nacional. O seu restauro não se nos afigura difícil e muitos motivos artísticos contém esta igreja, dignos de ser olhados com carinho pelas entidades oficiais. Sobre o seu restauro é conveniente lembrar que o seu estudo já foi feito pelo aluno architecto Vergílio Bravo na 2.ª missão de Estética de Férias, não sendo por isso a 3.ª missão realizada este ano em Alcobaca, a primeira que realizou um restauro architectónico, como o afirmou o respectivo director numa entrevista dada.



TEM ESTA IGREJA motivos de sobra para a considerarmos um monumento digno de figurar entre o nosso património artístico de valor. Negar-lhe essa riqueza de motivos não é fácil nem possível. Bastariam o seu bellissimo claustro (muito se têm esquecido que o claustro anexo á Sociedade Martins Sarmento é pertença sua) e a sua perfeita rosácea para a considerarmos como tal.



ESTAMOS EM CRER que a sua actual porta principal foi aberta ultimamente. A ligação do claustro inferior com o fundo da nave, por uma porta, leva-nos a concluir isso; essa porta daria acesso para um côro baixo, á imitação da igreja junto ao convento de Santa Clara de Vila do Conde. A sua entrada lateral bem destacada, confirma a nossa opinião — era a porta principal.



A SUA CAPELA-MOR está desproporcionadíssima — estando muito aumentada. O seu óculo está entaipado. Tinha um vitral com as armas do arcebispo D. Lourenço. A arcaria das suas naves está completa e não necessita de restauro. Sendo assim a obra de maior vulto para já é o apeamento e o restauro da sua fachada lateral voltada á rua de D. João I.

D A C I D A D E

Vida Católica

Domingo, 19 de Novembro

Evangelho (Mat., XIII, 31-35). — *Jesus propôs às turbas a parábola seguinte: «O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou, e semeou no seu campo; o qual grão é, na verdade, a mais pequena de todas as sementes, mas, depois de ter crescido, é maior, que todas as hortaliças, e se faz árvore, de maneira que as aves do céu vem a fazer ninhos nos seus ramos». Disse-lhes ainda outra parábola: «O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma, e esconde em três medidas de farinha, até que o todo fica levedado». Tõ las estas cousas disse *Jesus* ao povo em parábolas, a fim de que se cumprisse o que estava anunciado pelo Profeta: «Abrirei em parábolas a minha boca, e farei dela sair cousas escondidas desde a criação do mundo».*

Homilia. — Nestas parábolas é o Evangelho comparado a um grão de cevada porque cresceu e se espalhou e fez sentir a sua influência em todo o mundo, e a uma pouca de levedura porque êle transformou os indivíduos e os povos que o receberam. Meditemos estas duas maravilhas e excitemos em nossos corações amor, reconhecimento e fidelidade para com Deus. *O Evangelho foi na verdade um grão de mostarda.*

O semeador foi o próprio Deus e depois dele os Apóstolos e todos os operários que na sequência dos séculos têm administrado a vinha do Senhor. O campo é o mundo e a semente, o tal grão de mostarda, é o Evangelho que Jesus veio semear ao seu campo.

Ora foi êste Evangelho prégado, semeado por toda a parte, cresceu e foi recebido pelos reis, pelos sábios e por milhões de homens. Tornou-se uma árvore grande, colossal, onde as aves do céu, ou sejam todos os homens de boa vontade, vêm repousar, procurar alimento, consolação, força e abrigo.

O Evangelho é verdadeiramente uma levedura sagrada.

A mulher que toma a levedura, é a Santa Igreja. As três medidas de família eram as três partes do mundo então conhecidas: Asia, Europa e Africa, numa palavra todos os povos da terra.

Ora todos êles estavam mergulhados na idolatria, seguiam as suas paixões, viviam na ignorância. As verdades eternas não eram conhecidas, mas ignoradas e desprezadas. E foi esta massa de pecado e infecta, que se procurou purificar e converter no bom odor de Jesus Cristo. E é por isso que a Igreja tomando na mão o Evangelho — a levedura sagrada que o filho de Deus trouxe à terra — confiou-o aos seus Apóstolos e missionários e convidou-os a irem por toda a parte prégá-lo, misturá-lo com aquela má farinha a fim de que se fizesse pão bom para se imolar ao Senhor.

Devemos portanto agradecer a Deus, *qui de tenebris nos vocavit in admirabile lumen suum.* Mas vejamos se nos temos aproveitado dêste chamamento.

NOTICIÁRIO

Aniversários

Dia 19 — D. Helena Felgueiras C. de Menezes.

D. Maria José Viamonte Trêpa Ramos 20 — Condessa de Caravelos (D. Julieta), D. Lúcia Sequeira Braga Leite do Faria.

24 — D. Antónia de Araújo Fernandes Leite de Castro, D. Maria Carolina Trocado Freitas do Amaral.

25 — D. Maria da Glória Dias Pereira.

Sociedade

A Leiria regressou, depois de alguns dias de permanência nesta cidade, o aguarelista, sr. João Jorge Maltieira.

— De novo se encontra em Guimarães a exercer o magistério secundário, o sr. dr. Jorge da Costa Antunes.

— De visita à sua família, esteve alguns dias nesta cidade o sr. Alberto da Silva Guimarães, estudante de engenharia na Universidade do Pôrto.

— Para Coimbra, a continuar os seus estudos também de engenharia, seguiu o sr. Francisco de Carvalho Jacinto.

— Foi admitido na Escola do Exército, secção de Artilharia, o sr. Gaspar Pinto de Freitas do Amaral.

— Vimos nesta cidade o digno professor Francisco Duarte de Macedo, de Briteiros.

— De Lisboa regressou o dignissimo Presidente da Câmara, sr. Dr. João Rocha dos Santos.

Doentes

Encontra-se gravemente doente a dignissima esposa do sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães, do Pevidém.

— Tem passado um pouco doente a sr.^a D. Ester do Loreto Fernandes de Macedo, dignissima esposa do sr. José Antunes da Silva, Director da Escola Central Masculina desta cidade.

— Foi sujeita a uma delicada operação, no Hospital da Misericórdia, a sr.^a D. Noémia Nogueira de Abreu Ribeiro, esposa do sr. António Emilio da Costa Ribeiro.

— A estas três senhoras desejamos breve e completo restabelecimento.

Conselho Municipal

Reuniu-se, no passado dia 13, o Conselho Municipal, sob a presidência do sr. dr. Rocha dos Santos secretariado pelos srs. José Gilberto Pereira e Humberto Guimarães Pinheiro.

— Entre outras cousas o Conselho aprovou o relatório da gerência do ano de 1938 e o plano de acção para 1940.

Estarão bem no fundo da nossa alma todas as raízes desta bela planta que é o Cristianismo? As suas máximas e santa doutrina são a regra da nossa vida? Notemos que a massa toma as qualidades e propriedades da levedura: teremos imitado e reproduzido em nós as qualidades e virtudes de Jesus Cristo, a divina levedura?

Se não temos feito, peçamos essa graça a Jesus e procuremos de hoje para o futuro deixar que o seu espírito nos penetre.

Dele neste mundo, com êle estaremos na eternidade.

Noite de arte

Para comemorar o 1.^o aniversário do Teatro de Martins Sarmiento, tem lugar no próximo dia 20, nesta casa de espectáculos, um concerto de piano dado pelo grande artista português Oscar da Silva.

Juventude Escolar Católica

No dia 11, à noite, foi solenamente inaugurado o novo ano de trabalhos dêste organismo da A. C. em Guimarães.

Antes de principiada a sessão solene, o sr. cônego Martins Gonçalves, que representava o sr. Arcebispo Primaz, procedeu à benção de todos os compartimentos da nova sede, onde ultimamente foram introduzidos importantes melhoramentos.

Monsenhor João António Ribeiro deu começo à sessão solene, com um pequeno discurso cheio de entusiasmo e de exortações oportunas e, seguidamente, convidou para a presidência o sr. cônego Martins Gonçalves, que se fez laudar dos srs. dr. Augusto Cunha e dr. Aventino L. Leite de Faria.

Nos lugares de honra estavam: Monsenhor João António Ribeiro, padre António Cândido Pires Quesado, dr. José Francisco dos Santos, padre Borges de Sá, padre Avelino Borda, padre Luiz Gonzaga, padre Carlos Simões de Almeida, dr. João Martins de Freitas, professor José Antunes da Silva, José Luiz de Pina, Manuel Soares Moreira Guimarães, Julião Carneiro da Silva, chefe J. Vieira, representantes da imprensa, etc.

Usaram da palavra os srs.: padre António Pires Quesado, Dr. Augusto Cunha, padre Aluísio de Sousa, dr. Francisco Meireles e, finalmente, o sr. cônego Martins Gonçalves.

Um estudante da J. E. C. leu uma poesia de elogio ao organismo a que pertencia e de homenagem ao sr. padre António Quesado.

O sr. padre Aluísio, assistente na Diocese da J. E. C., entregou, como subsídio da Junta Diocesana para as obras feitas, 300\$00 ao sr. padre A. Quesado, assistente eclesiástico de J. E. C. em Guimarães.

Esta festazinha deixou bem dispostos todos os que a ela assistiram.

Formação do professorado

Com o respeito devido, transcrevemos do artigo do sr. dr. Alfredo Pimenta «O caso do livro único» publicado no diário a *Voz*, êste bocadinho:

«Tenho um grande desdém pela adaptação do professorado, por conveniências pessoais, a certos critérios doutrinários. «Não desejo um professorado adaptado»; quero um professorado «formado»;

Professores e livros que mudam de tabuleta conforme o ponto cardinal donde sopra o vento não me interessam.»

A clareza e autoria destas palavras dispensam-nos de quaisquer comentários.

Imposto profissional

No decorrer do próximo mês deve ser pago na Câmara Municipal, o imposto profissional.

Pedido de casamento

Pelo sr. Agostinho Martins Guimarães, foi pedida em casamento para seu irmão, o sr. Domingos Martins Guimarães, a sr.^a D. Dalila Macedo de Carvalho Martins, de Espinho, filha da sr.^a D. Helena Macedo de Carvalho Martins e do sr. Adriano Martins, proprietário e residente no Pará.

Aos noivos os nossos parabéns e desejos de um feliz casamento.

Uma carta

De um nosso conterrâneo residente no Pôrto e admirador do *Ressurgimento*, recebemos uma carta muito amável, que reconhecidamente agradecemos.

Gratos estamos também pela colaboração enviada e prometida e se bem que a achassemos interessante, vemo-nos impossibilitados de publicá-la enquanto quem dirige êste jornal, pelo menos, não conhecer a identidade do seu colaborador.

Isto é uma norma a que fielmente sempre nos temos sujeito, pelo que, desta atitude, pedimos desculpa.

« Brotéria »

Recebemos o número de Novembro desta revista que, no seu género, honra Portugal.

Como sempre, a colaboração é escolhida e de elevado interesse cultural.

CORPORATIVISMO

Sindicato Têxtil

Na Assembleia Geral, efectuada no domingo passado, foram aprovados os novos estatutos.

— Na reunião do dia 15 e em que tomaram parte as direcções das secções de Delães, Fafe e Braga, foi resolvido adoptar as mesmas fôlhas para os descontos que os operários farão para o Sindicato e foi estudada a forma de melhor prestar assistência aos desempregados.

Sindicato dos Cortumes

O sr. delegado do I. N. T. e P. de Braga está a proceder aos últimos retoques no projecto de salário mínimo para esta indústria.

O respectivo despacho deve ser publicado brevemente.

Sindicato dos Penteeiros

Está também a ser estudado o projecto de salário mínimo para os empregados desta indústria.

Fiscalização do Trabalho

Acaba de ser instalada no edifício da Câmara Municipal, a secretaria desta repartição do I. N. T. P.

Fiscalização do Grémio de Retalhistas de Merceria

No mesmo edifício da Câmara Municipal foi instalada a repartição dêstes serviços.

Direito administrativo

(Continuação da 1.ª página)

Em princípios de Setembro reúne extraordinariamente o Conselho Municipal, só para efeito de votar a percentagem adicional às contribuições directas do Estado. A seguir envia-se certidão à Direcção de Finanças para proceder ao lançamento, comunicação que deve ser feita antes de 30 de Setembro.

Mais tarde, isto é, na sessão ordinária de Novembro, apresenta-se o Relatório, Plano de actividade e Bases do Orçamento, o que seria impossível e inoportuno fazer em fins de Agosto ou princípios de Setembro.

Assim é que está certo. Tenham isso presente os srs. chefes das Secretarias das Câmaras porque notícias como aquela que nos deu aso a estas observações podem causar-lhes amarrissimas surpresas.

C. G.

(Diário do Minho de 11-11-39).

Elogio de um quiosque

Na nunca demais criticada balbúrdia das nossas construções citadinas appareceu uma, ultimamente, que temos obrigação de destacar e de elogiar, por ser um exemplo para proprietários, construtores e entidades officiais responsáveis.

Referimo-nos ao quiosque do largo dr. Sidónio Pais.

Os seus proprietários e o architecto que o delineou e construiu, prestaram assinalado serviço a Guimarães, mais ainda pelo exemplo que souberam dar do que pela obra em si, que é modesta, mas, no seu género primorosa.

E' assim mesmo. Quando se pretende fazer qualquer cousa de novo, quer seja pequena ou grande, só há um caminho a seguir: — chamar quem saiba e realizar depois.

Mas quem saiba de verdade e não um desses habilidosos que, por vergonha nossa, continuam a estragar vilas e cidades, desde o Minho ao Algarve.

E' mínimo o aumento de despesa, às vezes até se poupa, e a obra fica capaz, nobilitando quem a mandou fazer, quem a fez e a terra onde se ergueu.

Compare-se o quiosque citado, pertencente aliás a um género de construções sempre difficil, com essas casas novas que ultimamente se têm por aí construído, do Toural até aos novos bairros, e ver-se-á como a comparação dignifica os proprietários e o autor da primeira, levando-nos ainda a formar um severo juízo de todos os responsáveis pela construção desses pardieiros, ainda a cheirar a tinta, que, semeados sem sombra de lógica pelas ruas da nobilíssima cidade, nos mostram a tristeza da nossa arte de construir.

E mais ainda: a falta dos mais elementares conhecimentos da arte e ciência da urbanização.

Pois este venerável quiosque, não só obedeceu a esses preceitos, pois está perfeitamente enquadrado no largo e no jardim, como é das mais belas construções que no seu género conhecemos.

Bem hajam os seus proprietários! Bem haja o seu architecto!

—E que o exemplo nos aproveite...

MARTINS VICENTE.

Contra os malefícios do fado

Alastra por toda a parte o enjôo contra o fado, o desejo cada vez mais forte de que se ponha cõbro à epidemia que êle está representando. E não é só no país que se erguem os protestos. A *Provincia de Angola*, num dos seus últimos números, publicava o seguinte:

«Há meses, ao apreciarmos notícias dos jornais de Lisboa sobre o largo papel desempenhado pelo Fado na realização do primeiro filme colonial português, «Feitiço do Império», publicamos neste Suplemento um artigo intitulado «Rais parta o...» — no qual defendemos a opinião, aliás apoiada por muita gente, de que já se torna esgotante e secante a inclusão do Fado em todas as produções nacionais.

Irritam-se connosco, como aliás esperávamos, os admiradores e cultores da estopante e doentia «Canção nacional», chegando mesmo alguns deles a mandar, de Lisboa, contra nós, para as colunas do nosso prezado colega «O Comércio», uma ingénua catilinária que muito cheirava a «Retiro da Severa» e muito nos fez sorrir.

Que estavamos, afinal, na boa razão, nos mostrou depois o sr. Ministro da Instrução Pública ao afirmar, na sua brilhante exortação à Mocidade Portuguesa, a necessidade desta ser «liberta do morbilismo do Fado que pode ser artistico mas deprime».

Abaixo o Fado, portanto, como prato obrigatório de todos os filmes portugueses e de todos os programas das Emissoras! O nosso distinto colaborador, sr. José da Natividade Gaspar, — que continua sendo dos mais categorizados e competentes críticos cinematográficos do nosso país — atentou no artigo e, sobre o assunto, teve, espontaneamente, a intervenção que só chegou ao nosso conhecimento através de uma das suas crónicas publicadas na última semana, em nossa edição diária:

«A respeito do presente trabalho

«Feitiço do Império» informo que as plausíveis estranhezas, vindas a lume na *Provincia de Angola* e para as quais tive ocasião de chamar, junto de quem de direito, a necessária atenção, foram acolhidas na devida conta e logo me foi notificado que a inclusão do Fado no chamado filme colonial tem apenas função episódica e favorecedora do conveniente desenrolar da novela. E' possível mesmo que este assunto seja de novo abordado nestas páginas, na oportunidade de uma entrevista que a tal respeito planeio realizar com António Lopes Ribeiro».

«Oxalá o nosso artigo e a intervenção do sr. Natividade Gaspar, de algum modo concorram para, de futuro, se variar de... menu nos filmes portugueses».

No mês passado, a «Emissora Nacional», instituição destinada a informar, instruir, recrear e educar e não a satisfazer caprichos inferiores ou insinuações de baixo, suprimiu os fados às quinta-feiras, substituindo-os por ótimos concertos. Ficamos esperando que a sensata medida se mantenha e se estenda ao domingo. Uma estação que dispõe da admirável orquestra de Pedro Freitas Branco, notável em qualquer centro musical, e das orquestras de Pedro Blanch, Wenceslau Pinto e Frederico de Freitas não tem o direito de subalternizar-se a deprimentes solicitações de fadofilos — outros ófilos a juntar aos que lá mesmo foram há dias duramente azorragados — nem de irritar a população culta do país ministrando-lhe como sobremesa do dia de descanso aquelas indigestas pratadas de lamúrias de alfurja e amores suspeitos, a que freqüentemente se junta esta blasfémia de lesa-pátria:

Ajoelhai! Passa o fado
Vai Portugal a passar!...

(Da revista *Ocidente*)

A' MARGEM DA GUERRA

Muitos dos nossos assinantes e leitores nos têm feito sentir que desejariam uma palavra de ordem neste inquietante momento, em que ninguém pode prever o dia de amanhã.

De boa vontade a damos sem titubeações.

A nossa palavra de ordem tem de ser uma só: disciplina e união à volta de quem tem sobre os ombros a pesada tarefa de dirigir o destino de todos nós.

Condenamos a guerra como ideia incompatível com o ideal cristão.

Mas se ela nos fôr imposta pelo interesse maior da Nação, um só caminho é lógico: aceitá-la por amor dos nossos irmãos nacionais e do nosso futuro livre e independente. Aceitá-la, mesmo que a Divina Providência nos não poupe aos horrores da metralha e da morte.

Se na paz nos devemos sacrificar uns pelos outros, na guerra o sacrificio tem de ser maior.

E' usual vermos, em tempos de perigo, cada um furtar-se o mais que pode ao sacrificio das suas comodidades, dos seus bens ou da sua vida.

Tal procedimento é fruto do egoísmo, incompatível também com o ideal cristão.

Em tempo de guerra, todos têm de sofrer.

Uns mais do que outros, é certo. Mas aquêles mesmo que permanecem neutrais têm de suportar restrições e sacrificios que, em tempos de paz não são tamanhos. Este sacrificio não é destinado a meia dúzia, mas a todos. E quanto mais repartido fôr por todos, menor é a parte de cada um. E' esta a ideia que nos deve iluminar a consciência nas horas de incerteza em que vivemos.

Quão diferentemente pensam aquêles que só cogitam na maneira de enriquecer à custa da guerra! Quão condenável é a atitude dos que, tendo meios de fortuna, só pensam em comprar os géneros de primeira necessidade por junto, para os comprar mais barato, não se lembrando que assim tornam mais difficil a vida dos pobres e que, a êles, nunca faltará nada, porque têm dinheiro para comprar o que quiserem.

Açambarcar, promover a alta dos preços ou comprar por junto o que deveria ser comprado a retalho é igual crime de egoísmo, é tornar

Movimento hospitalar no mês de Outubro

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 304; receitas abonadas a doentes externos, 230; parturientes recolhidas, 9; crianças nascidas, 7: sendo 1 do sexo masculino e 6 do sexo feminino; doentes existentes no último dia do mês de Setembro, 102; doentes entrados durante o mês de Outubro, 153; doentes saídos, 0; curados, 99; melhorados, 35; no mesmo estado, 8; falecidos, 6.

Ficaram existindo no último dia do mês de Outubro, 107; banhos dados no balneário, 223; operações de grande e pequena cirurgia, 51; curativos feito no banco, 1.556; Oftalmologia — operações, 2; Oftalmologia — curativos, 772; injeções applicadas, 2.000; sessões de raios ultra-violetas, 328; sessões de diatermia, 588; sopa a pobres—S. Paio 48; Donim, 217.

Hospital António Francisco Guimarães

Consulta no Banco, 21; doentes existentes no último dia do mês de Setembro, 20; doentes entrados durante o mês de Outubro, 5; doentes saídos curados, 4; melhorados, 8; no mesmo estado—falecidos, 2.

Ficaram existindo no último dia do mês de Outubro, 11; operações de pequena cirurgia, 2; curativos feitos no Banco, 248 e injeções applicadas, 58.

«OCIDENTE»

Revista Portuguesa

Director: Manuel Múrias

Proprietário e editor: Alvaro Pinto

Rua do Salitre, 155, 1.º — Lisboa

ASSINATURA

Com direito aos números extraordinários

Portugal — 6 meses 60\$00	1 ano 115\$00
Colónias Portugueasas	1 » 125\$00
Brasil	1 » 120\$00
Estrangeiro	1 » £ 1-8-0

maior e mais pesado o sacrificio dos pobres e da Nação.

Quem assim procede poderá frequentar as igrejas, rezar muitas orações. Não é cristão.

O nosso dever é aliviar o mais que pudermos o sacrificio alheio. Quer trabalhando com mais ardor, quer tomando para si maior parte de sacrificio, quer esforçando-se por colaborar com mais ardor em tudo o que possa contribuir para o bem comum.

Tudo o que não fôr isso é crime social grave e pecado contra a Justiça e a Caridade.

Ninguém sabe o tempo que durará a guerra. Ninguém pode prever a soma de sacrificios que a divina Providência nos reservou.

Tenhamos ânimo forte, optimismo sincero e fé. Não queiramos sobretudo engordar à custa do sangue ou do sofrimento alheio, mas disponhamo-nos, como cristãos, a tomar com resignação a parte das privações que nos couber em quinhão.

Palavra de ordem?

A que acima ficou exposta.

Quem proceder ao contrário é mau português e mau cristão.

(Do Trabalhador)

C A R T A S " " "

Maria:

Minha querida Maria! por vezes temos grande ousadia em nos julgarmos!

Depois, examinando calma e conscienciosamente, o «nosso eu», concluímos... que somos pó... cinza... e nada...

Um autêntico nada!... Eu, pelo menos, mereço em «absoluto» esta designação!...

«— Não me canso de ler a tua última carta, resposta tam pronta à minha... e nesse teu ímpeto de magnanimidade, encontro o que és!

Vales muito!... és um perfeito tesouro! a tua alma, é uma pedra preciosa, de incalculável valor!... e eu... tive a petulância de dizer, que eramos! «almas gémeas!» sim, de facto, temos várias semelhanças; mas, a «tua superioridade... o teu altruísmo», êsses, não os possuo.

Chegarias direita ao fim, consumindo em tudo, e plenamente, a tua natureza!... e esta frase... «a teu lado... seguirei, para onde queiras, deixo os meus bens, deixo a minha casa, deixo família, amigos, numa palavra, tudo, a quanto se me pega o coração»...

«Se sabes onde poderemos melhor servir a Deus, mostrar-lhe... que o ajudaremos a subir o «seu calvário», compartilhando com o nosso semelhante, dos seus sofrimentos; e aliviando-lhes as suas dores!...»

Fui eu... com as minhas douradas e perigosas fantasias... suscitar no teu espírito «irrequieto como o meu»... esta onda de dedicação, e assim... «fascinada»... concebias uma total renúncia de ti própria!

Pobre Maria... vais como eu, apanhar um duche bem frio!... faz-nos óptimamente a ambas, acredita!... temos temperatura a mais...

O termómetro... das nossas quiméras... está sempre acima de quarenta!...

Soubeste bem compreender... que após a minha última carta, devia seguir-se para mim, um período de meditação!... Assim foi, ligado a muita desorientação! o que tenho passado, para... «arrumar as ideias»!... por vezes, em meio dos meus pensamentos, olho o mar!... e coisa extraordinária... «estamos em antagonismo!» quando sinto em mim a tempestade; vejo-o cintilante de colorido... e em sossêgo completo: quando êle esbraveja... e ruge, com desvairada fúria... está em mim a calma! tudo isto é estranho... tudo isto é desnorteador!...

Ai, pobre amiga, como é terrível a procura dum mundo... diverso, daquele... em que se está!... Mas, há uma coisa sempre proveitosa... ouvirmos, e «ouvirmos muito»; e mais ainda... «querermos ouvir!»...

Está em minha casa, a passar uns dias comigo, um casal adorável; não calculas... como termos filosofado! e talvez... que «a gaveta das minhas ideias»... fique um pouco mais arrumadinha... devido a êles!... Se assim fôr... ganham melhor lugar no Céu!... Não tenho o direito, de andar (lá por cima)... tam fora daqui!...

E agora... cá vai o duche... vais ver Maria, depois de tanto ter querido subir... como chegarei talvez à conclusão... que, a maior altura... será ainda, o rastejar, por toda esta mísera

terra, «que é afinal, o quinhão que nos compete!»

Como sou uma idealista... sonhei talvez, com uma «cruz doirada» (não admira, porque só me seduz o que é bom!...) a minha... é de chumbo... não está nimbada, com qualquer auréola... que a engrandeça;... e por isso levo-a com enfado; não lhe procuro as atenuantes!... «olha o orgulho Maria!»

Com ponderação... necessito tornar-me menos impulsiva... tenho exercido sôbre mim fundo exame; e eis, onde está a verdade! «eu! quero mudar a minha cruz!» para encontrar noutra, maior consolação!... por esta ser feita de cousas muito «mesquinhas»,... por me ver a contas, com os dardos, com os flechas da humanidade, por me parecer que nada faço, eu «desejava fazer», alguma coisa de grande!... mas, assalta-me agora dúvida cruel!...

Certamente, conservando-me fiel no meu pôsto... aceitando eu... que tendo para tudo quanto é elevado... todos estes nadas... esta cruz sem «brilho»,... ajudarei melhor Jesus, «até ao Calvário»,... do que, embrenhando-me em «feitos heróicos»... cuja finalidade, seja, não sômente benéfica ao meu próximo, mas, me traga a mim a satisfação... dos meus ideais!...

Todo êste pensar, me queima... como ferro em brasa... mas, querida... ferir com a verdade... é como tumor de fixação!... faz supurar... mas cura!... Maria, somos ambas feitas de um bloco de lealdade... não podemos portanto enganar a Deus, nem aos outros... nem a nós próprias!

O meu estado de agora, acredita, é mais lamentável ainda... que o primeiro! sofria... mas, tentava levantar vôo alto, e bem alto! «era uma esperança»!

«Agora, que chamei a mim, toda a minha Fé, para bem proceder, todo o meu raciocínio... toda criteriosa formação Cristã, que me deram... estou em pensar, que necessito a maior prudência... a fim de não ser vencida... pelo meu romantismo!»...

Querer subir, e pairar nesta esfera limitada; querer vencer, e parecer aos olhos de todos vencido;... quem sabe?! será valor mais real... do que obter um ponto de culminância?! «E' sem dúvida!»... se esta aceitação, fôr dádiva de generosidade a Deus; no intuito, de cumprirmos sem relutância, a sua vontade!

As cruces pesam todas, quer sejam de ouro, prata, bronze, chumbo, etc.! basta para isso serem... «cruzes!»... Mas, para um espírito mais sensível, magoa-lhe... a «qualidade do metal de que é feita»!

E isto, é tanto verdade, que, «eu pelo menos»... (e muitos assim conheço...) aceito, com maior estoicismo, uma pancada forte... do que as mil ninharias, que, a cada passo surgem! para êsses, tenho pouco valor, aborreço-me, sinto e sua pressão, a sua tirania, e quantas vezes... como agora... me vem por por elas, o completo desânimo!...

Minha pobre Maria, há obreiros para tudo! tanta renda preciosa conhecemos, mas, não nos é dado executá-las... a todas!... Se estivermos destinadas apenas... à confecção duma

simples «frioieira»... aceitemos êste trabalho; aceite com gôsto, e feito com perfeição... será também a sua beleza!...

Como doe... queremos fazer obra de mérito... e manietadas renúncias a tudo... para continuarmos... no nada!...

Avalia o que passo em meio de tais conjecturas, envolta com estes dilemas, e lastima-me!

Para mais, fui ainda revolucionar as tuas ideias, quando devia tentar mobilizá-las!...

Uma vez terminada a minha análise não gramatical!... mas espiritual... te direi das minhas resoluções!...

E tu querida Maria, não te metas em vôos... como esta pobre amiga, que qualquer dia... é despenhada das alturas... e vem cair... desfeita... em pó, cinza... e nada!...

Nunca esqueças a tua

ANGELIS.

Os objectivos britânicos

(Continuação da 1.ª página)

quistas e depois fazer ao mundo novas «exigências» seria, na opinião de todos nós, a maior das loucuras. O homem da rua do nosso país julga instintivamente que, se fizéssemos hoje uma paz apressada, não tardariamos muito a estar de novo em guerra.

Pois que, embora Herr Hitler falasse vagamente em paz, que é que êle pensa na verdade? Ao referir-se às pretensões sôbre colónias disse: «O nosso pedido não é apresentado à maneira de ultimato apoiado na força.» Não é isto, perguntamos nós, a confissão de que é esta a sua norma de proceder, norma que empregará de novo, se os seus desejos não forem logo satisfeitos? Além disso, ao propor uma conferência da paz, não indicou êle, entre os possíveis assuntos a tratar, o regulamento do emprêgo de gases e de submarinos e a definição de contrabando e esta frase significativa não revelou que êle só pensa em condições de guerra; que o que êle tem em vista não é uma paz duradoura, mas apenas uma trégua temporária seguida doutra guerra subitânea?

E' isto o que pensamos e receamos.

(De Britain To-day)

Visado pela Comissão de Censura

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre.	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	50

A' MARGEM

QUE SE FAÇA ISTO e se compo-nham os telhados são obras que urge fazer. Deixar por mais tempo esta igreja no seu estado actual é um crime. Pedem o seu restauro e a sua abertura ao público a boa gente religiosa de Guimarães e também os que se interessam pela salvaguarda do nosso património artístico.

Comissão Concelhia da União Nacional

Acto de Posse

Com a presença de todos os seus membros, realizou-se no passado dia 11 a posse dos srs. vice-presidente e vogais da comissão concelhia da União Nacional há pouco nomeada.

A posse foi-lhes conferida pelo ilustre presidente da comissão, dr. Leopoldo Martins de Freitas, que agradeceu a colaboração dos empossados e declarou que havia muito a esperar da acção de todos a favor do concelho de Guimarães e em prol do Estado Novo.

Em nome dos empossados agradeceu o vice-presidente dr. José Francisco dos Santos, declarando que todos se sentiam muito honrados por haverem sido escolhidos para colaborarem com o sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas, pessoa em cujo seguro critério e são nacionalismo se podia depositar inteira confiança e que oferecia a mais completa garantia de realizar obra sob todos os aspectos honesta e útil.

Foram enviados telegramas de saudação a S. Ex.^{as} o Presidente do Conselho, Ministro de Interior, presidente da Comissão Executiva da União Nacional, presidente da Comissão Distrital e Governador Civil do Distrito.

Homenagem

Está definitivamente marcado para o dia 28 do corrente o banquete de homenagem e que nos referimos em o nosso último número e que um grupo de amigos vai oferecer ao sr. dr. João Rocha dos Santos, presidente da Câmara Municipal.

A comissão organizadora é constituída pelos srs.: Dr. Fernando Aires, João Teixeira de Aguiar, Manuel Alves de Oliveira, Alberto Pimenta Machado, Aprígio da Cunha Guimarães, António Teixeira de Melo, todos da última comissão concelhia da União Nacional e Guilherme Folhadela.

Legião Portuguesa

Batalhão 13 — Guimarães

Respondeu no dia 10 do corrente, no Tribunal Militar Territorial da 1.ª Região Militar do Porto, o chefe de secção n.º 979/27044, José Ferreira, dêste Batalhão, o qual teve a seguinte sentença — Condenado em dois meses de prisão correccional e dez dias de multa à razão de 1\$00 por dia, e suspensa a mesma pena por dois anos.

Quartel em Guimarães, 14 de Novembro de 1939.

O Comandante do Batalhão,

Ernesto Moreira dos Santos

Tenente.